*DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.5  n.4   ago/04                            ARTIGO 03*

**A Informação e Suas Profissões: A Sobrevivência ao Alcance de Todos**   
*Information and it's professions: Survival for everyone*   
por [Othon Jambeiro](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#Autor) e [Helena Pereira da Silva](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#Autor02)

**Resumo:**O objetivo deste texto é tentar situar as redefinições de práticas profissionais no âmbito da Informação, por força do novo contexto sócio-econômico e da convergência tecnológica. Para isso, analisa o condicionamento da sociedade atual pela informação e pelas comunicações; a nova configuração da gestão da informação, uma atividade cada dia mais essencial, em função da avalanche informacional a que estão sujeitos indivíduos e organizações em geral; e a situação, nesse contexto, dos profissionais da informação, particularmente bibliotecários e arquivistas. O texto conclui que não é mais possível construir cercas isolando domínios de profissões. Hoje contam muito mais as habilidades, o conhecimento e as competências acumuladas, tendo relativa importância o diploma e a vinculação corporativa do profissional.   
**Palavras-chave:**Profissionais da Informação; Novas configurações profissionais; Bibliotecários; Arquivistas; Gestores de Informação.

**Abstract:**This paper discusses the redefinition of professions in the information field, resulting from the new social and economic international order and the technological convergence. It analyses society conditioning by information and communications; the new configuration of information management; and the new situation created by those factors to librarians and archivists. The paper concludes saying that it is not anymore possible to construct fences to isolate professional fields. Today, it is more valuable for people to accumulate skills, knowledge and know-how, being of less importance the title and their links to professional corporations.   
**Keywords:**Information Professionals; New professional configurations; Librarians; Archivists; Information Managers.   
    
  

**Introdução**   
Intenso desenvolvimento científico e tecnológico vem consolidando, desde os anos 70, a convergência entre a Eletrônica, a Informática e as Telecomunicações. Sobre estes três pilares, a informação – compreendida aqui como a unidade conceitual de acumulação e expressão de conhecimento, independentemente de sua forma e meio - começou a ser tratada de maneira tecnologicamente igual, não importando sua natureza diferenciada. As tecnologias necessárias para transformá-la, editá-la, transportá-la ou armazená-la passaram a formar um mesmo conjunto e a operar sobre uma mesma base, embora, em certa medida, persistam métodos e qualificações diferenciadas para os processos de concepção e produção de distintos serviços e produtos.

Essa convergência se dá num contexto sócio-econômico condicionado pela expansão do pensamento liberal e da economia de mercado global; pelo aumento vertiginoso da necessidade de informações e conhecimentos específicos nas diversas áreas do saber e da produção; e pela conglomeração de corporações industriais/comerciais nacionais e multinacionais do setor de serviços de comunicações e informação.

Nesse contexto, a quantidade e complexidade de informação - e dos sistemas e serviços que a provêm - cresceram em consonância com o aumento da necessidade de informações dos cidadãos e de sua dependência desse provimento. O profissional de informação aparece, então como um intermediário entre as fontes e sistemas de informação e os usuários e, em certas circunstâncias, se constitui num ator-chave na Sociedade da Informação.

Paralelamente a isso, constituiu-se uma nova área de estudos – autodenominada de Ciência da Informação – que se considera uma disciplina científica e pretende abranger os estudos e a formação profissional relativos à produção, tratamento, disseminação e efeitos da informação. Adotada no Brasil, tendo como base os existentes cursos de Biblioteconomia e Arquivologia, ela tem tido dificuldade de firmar-se no ambiente acadêmico e nos mercados profissionais da área. Como afirma [Ferreira](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R1) (2003: p. 48): 

*"O mercado reconhece a necessidade e o valor da informação, a necessidade de habilidades e competências para se trabalhar com a informação, a interdisciplinaridade do processo de gestão do conhecimento, identificando as funções para desenvolver essa prática, mas não percebe que essas funções são específicas da Ciência da Informação."*

O objetivo deste texto é tentar situar as redefinições de práticas profissionais no âmbito da Informação, por força do novo contexto sócio-econômico e da convergência tecnológica. Para isso, analisa o condicionamento da sociedade atual pela informação e pelas comunicações; a nova configuração da gestão da informação, uma atividade cada dia mais essencial, em função da avalanche informacional a que estão sujeitos indivíduos e organizações em geral; e a situação, nesse contexto, dos profissionais da informação, particularmente bibliotecários e arquivistas.

Vejamos, inicialmente, o contexto em que esta situação se estabelece. 

**A Sociedade da Informação e das Comunicações**   
Qualquer análise dos sistemas contemporâneos de Informação requer que eles sejam colocados dentro de um contexto determinado principalmente por: (1) crescente transformação dos mercados de locais para nacionais e internacionais; (2) convergência tecnológica; e (3) expansão de políticas de re-regulamentação e privatização. Este quadro se completa e se dinamiza pela intensificação da ideologia de mercado, aplicada tanto aos bens culturais quanto aos econômicos, e a inovação em tecnologias digitais e de satélite. É este conjunto que dá suporte à internacionalização dos sistemas de Informação e ao controle de seu uso.

Decorre também daí o declínio da soberania nacional, o que tem forçado a revisão da teoria clássica do direito de informação - que vê os sistemas de produção e difusão somente dentro da estrutura de estados-nações – e determinado três posturas críticas: 1) leva a que se considere o poder das empresas de Informação organizadas globalmente; 2) relembra a importância do crescente impacto dos acordos legais e políticos supranacionais; e 3) revela o lento e delicado desenvolvimento de uma sociedade civil internacional ([Keane](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R6): 1991).

Globalizadas e conglomeradas, as empresas de Informação – tanto as produtoras de bens materiais quanto as de serviços – têm presença, cada dia mais forte, nas transações comerciais e financeiras nacionais e internacionais. Com ou sem estímulos de leis e normas governamentais, ou mesmo estimuladas por elas, um mercado mundial de empresas da área foi estabelecido e a propriedade concomitante de variadas e numerosas delas, independentemente da base original de engenharia e insumos de cada qual, tornou-se uma situação comum e normal.

Constata-se, ainda, que o desenvolvimento convergente da Informática, das Telecomunicações e da Eletrônica está permitindo uma explosão mundial na produção e circulação de informações de toda natureza (dados, imagens, sons, notícias, mensagens privadas etc.) via cabo, satélite, ondas hertzianas e suportes materiais como disquetes, CDs, DVDs, video-tapes etc. Tudo isso, mais a concepção e produção de evoluídos equipamentos multimídia, tem aperfeiçoado e expandido as possibilidades do consumidor escolher, acessar e usar programas, serviços e informações.

Essa nova base tecnológica é considerada como possibilitadora e estimuladora da desmassificação das audiências, podendo levar a uma crescentemente diversificada produção informativa e cultural, cujo público alvo será não mais uma massa informe, mas numerosos e distintos fragmentos da audiência geral. A tese que se projeta é a de que sendo tecnologicamente - embora não ainda economicamente, dada a evidente desigualdade entre povos, países e classes sociais - possível a cada cidadão solicitar informação e entretenimento diretamente de um cardápio previamente conhecido, poderemos evoluir para uma enorme variedade de multi-estratificados produtos simbólicos, em que mesmo os tradicionais meios de comunicação de massa perderão sua original natureza de meios de massa.

Agindo ao mesmo tempo como parceira e adversária dos conglomerados de Informação, a nova base tecnológica poderá, portanto, permitir aos vários segmentos de usuários que achem um lugar mais ativo e influente na produção e consumo de bens culturais e na circulação da informação.

Os fenômenos da conglomeração e da convergência, impulsionados pela dinâmica e racionalidade da economia capitalista internacional, tem levado também as corporações a interconectarem tecnologias, cujos limites não podem ser previstos. Esta é uma das razões pelas quais a estrutura da indústria da Informação - e seu status legal e institucional nas políticas públicas - tem estado em acelerado processo de mudança.

Essa interconexão vem eliminando os limites entre os processos e produtos informacionais, tornando-os solidários, complementares e intercambiáveis na forma e no conteúdo. Graças à tecnologia digital é possível o uso de uma linguagem comum, através da qual os diversos produtos simbólicos libertam-se de seus tradicionais meios de exposição, transporte e armazenamento. Um filme, uma chamada telefônica, uma carta, um artigo de revista, qualquer deles pode ser transformado em dígitos e distribuído por cabo ou satélite, ou ainda por via de um meio físico de gravação como uma fita magnética ou um disco. Além disso, com a digitalização, o conteúdo torna-se totalmente plástico, isto é, qualquer texto, som, ou imagem pode ser editado, mudando de forma original para outro tipo de forma desejada.

A convergência tecnológica cancela, com efeito, a validade de fronteiras entre diferentes tipos de serviços de informação, e suprime as linhas divisórias – até agora consideradas como naturais – entre informação privada e de massa, entre meios baseados em som e vídeo, entre as imagens baseadas em emulsão e as eletrônicas, e mesmo a fronteira entre livro e tela.

Outro aspecto dessa equação é a crescente "desumanização" dos ambientes de trabalho, particularmente cruel na sua tendência de produzir cada vez mais, utilizando cada vez menos recursos humanos. Na chamada "Sociedade da Informação" parece estar ocorrendo um fenômeno similar àquele ocorrido durante a revolução industrial: a redução de energia humana necessária para manipular os materiais usados na produção de bens e serviços. Também hoje o trabalho humano está sendo removido de crescente número de tarefas que podem ser feitas por máquinas, por preço mais baixo, mais rápida e acuradamente. Agora, entretanto, o problema é muito mais sério porque computadores podem substituir os seres humanos mesmo no que se refere à manipulação e ao controle de outras máquinas complexas.

E quais as conseqüências disso no campo da gestão da informação e nas profissões a ele vinculadas? 

**A Gestão da Informação**   
A expansão dos suportes materiais e virtuais de Informação tem levado ao aparecimento de formas organizacionais distintas e ao estabelecimento de novas relações entre os indivíduos, estejam eles em atividade profissional ou simplesmente no exercício da cidadania. Grandes bancos de dados, interligados em redes nacionais, estão agora associados à seletivos serviços personalizados de informação, voltados para usuários de interesses específicos. A consequência imediata disso tem sido a demanda de profissionais – oriundos de novas profissões ou da adaptação de algumas das já existentes - aptos a utilizar as possibilidades criadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico, na área da Informação.

De fato, as novas tecnologias abriram possibilidades amplas de prestação de novos serviços. Cresceu a necessidade de captar, filtrar, tratar, recuperar, distribuir, disseminar informações, de tal forma que a gestão da informação passou a ser atividade vital para todas as organizações da sociedade, nos níveis internacional, nacional e local. Instigados e atraídos pela força do mercado, pelo fascínio tecnológico e pela deficiência quantitativa e qualitativa de profissionais tradicionalmente formados para gerir a informação, considerável força de trabalho, localizada em áreas profissionais próximas, deslocou-se para o setor.

Na verdade, como o desenvolvimento tecnológico se deu em grandes saltos, o sistema educacional já ultrapassado e lento do país não foi capaz de formar profissionais que pudessem operar a inserção das novas tecnologias e serviços delas derivados nos processos produtivos e na cultura da sociedade. A nova força de trabalho foi, então, arregimentada - e capacitada no exercício da prática – para ocupar um espaço laboral momentaneamente vazio, sob fulminante e ascendente pressão por parte de empresas e organizações governamentais.

Situados entre as tradicionais profissões de bibliotecário, arquivista, programador, analista, jornalista, administrador, os novos profissionais circulam num campo multidisplinar e multiprofissional. E, pelo menos nesse primeiro momento histórico, iniciado nos anos 90 do século XX, os que parecem estar mais bem estabelecidos, mais que bibliotecários e arquivistas, são os que advêm do campo da Administração, da Engenharia e da Informática. A eles se agregou uma grande massa de indivíduos, em sua maioria sem formação superior, que desenvolveram ou procuram desenvolver a capacidade de criar, produzir e gerir produtos e processos de Informação, a partir da vertiginosa demanda que passou a dominar todos os setores da sociedade.

Passado o primeiro momento, consolidada a posição das novas tecnologias de informação nas diversas ações sociais, culturais, econômicas e políticas, começaram a ser delineados os perfis dos novos profissionais de informação. E encaixar-se neles tem-se tornado vital para a sobrevivência de algumas profissões tradicionais, principalmente Biblioteconomia e Arquivologia. Há versões diferenciadas desses perfis, mas todos se dirigem para algumas habilidades, conhecimentos e atitudes mais ou menos consensuais.

Nesse sentido, [Araripe](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R1) (1999: p. 2), abordando o caso dos bibliotecários, visualiza um perfil bem mais avançado para esta profissão: 

*"O profissional da informação (...) deve ser detentor de conhecimentos para compreender e/ou utilizar: as teorias da informação e da comunicação; as bases teóricas da Biblioteconomia; os aspectos legais e éticos da profissão; as técnicas de organização dos registros do conhecimento; o valor e a importância política, social, econômica e cultural da informação; o trabalho pautado na interdisciplinaridade; os diferentes tipos de linguagem e de comunicação; (...) a informação como vantagem competitiva; a evolução tecnológica; a administração e gestão de recursos e unidades de informação; e o ambiente sócio, político e econômico que se apresenta em seu país e sua posição na estrutura mundial."*

Brito e Plonski, apud [Ferreira](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R1) (2003: p.46), com base em pesquisa realizada com empresas que contratam profissionais de informação, listam as seguintes habilidades e competências requeridas desses profissionais: 

*1. Conhecimento do ambiente de negócios da informação*   
*2. Capacidade de trabalhar em grupo*   
*3. Distinção e localização de informações relevantes e relevância nas informações*   
*4. Domínio na utilização de equipamentos eletrônicos e na operação de sistemas ou softwares específicos*   
*5. Conhecimento de bases de dados*   
*6. Familiaridade na administração de info-business*   
*7. Embasamento teórico e prático sobre o funcionamento das organizações virtuais de informação*   
*8. Domínio da lógica dos sistemas de indexação e webfinders*   
*9. Excelência na comunicação oral e escrita*   
*10. Conhecimento da infra-estrutura e serviços de informação*   
*11. Ter flexibilidade e polivalência*   
*12. Atualização profissional constante*   
*13. Capacidade de entender e gerenciar episódios de diferentes naturezas e aplicações*   
*14. Habilidade na identificação de clientes e fornecedores*   
*15. Habilidade na identificação de parceiros*

Outro enfoque é dado por [Teixeira Filho](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R12) (1998: p. 4), para quem: 

*"(...) o perfil necessário para esse tipo de profissional é variado. Os conhecimentos específicos sobre métodos, técnicas e ferramentas de gestão da informação e do conhecimento são a base, naturalmente. Mas o que o mercado está ansioso por encontrar são profissionais com algumas características fundamentais: capacidade de gerenciamento, combinada com conhecimento técnico, expertise na área de atuação, combinada com uma visão ampla de negócio, competência abrangente na especialidade, aliada a uma cultura geral ampla, além, naturalmente, de confiabilidade, criatividade, ética e honestidade de propósitos."*

[Marchiori](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R6) (1999: p.167), chama a atenção para o surgimento de um novo tipo de profissional - o *Information Broker*. Ela o define como um especialista na busca precisa de informação, na escolha da fonte apropriada, no oferecimento de informações complementares e na interpretação e avaliação de informação para pessoas, grupos e instituições de qualquer natureza, em que está envolvida uma relação de contrato e pagamento por tais atividades. E cita como suas competências: 

*a) sua habilidade na escolha de fontes de informação;*   
*b) sua habilidade em definir o tipo de informação procurada;*   
*c) do quão rápido é capaz de entregar a informação ‘nas mãos do cliente’;*   
*d) dos preços que pratica para seus serviços e produtos de informação;*   
*e) da qualidade e atualidade da informação que provê; e*   
*f) do quão fácil e rapidamente acessa a fontes de informação.*

Ela adverte que *"a especialização do broker é ainda um assunto em discussão, embora uma parcela significativa de autores considere que uma especialização no assunto é desejável. O que, no entanto, apontam como uma habilidade crítica é o conhecimento exaustivo das áreas ligadas ao armazenamento, acesso e recuperação de informações, bem como habilidades na avaliação da relevância da informação a ser prestada"* ([Marchiori](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm" \l "R6), 1999: p.168).

Por fim, [Menou](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm" \l "R6) (1996: p.304) relata que [Neelameghan](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm" \l "R12) (1978) formulou, no final da década de 70, mudanças para a educação, treinamento e desenvolvimento do pessoal de Biblioteconomia e Informação que são ainda metas a serem alcançadas: 

*a) de atitude passiva para liderança, experimentação e investigação dinâmicas;*

*b) de percepção do ambiente: do contexto passado e presente para o contexto futuro;*

*c) de visão centralizadora de informação: do edifício onde as pessoas buscam informação, para sistemas e redes, nos quais a informação flui;*

*d) de foco: da centralização na técnica para a centralização no usuário e serviço, com adaptação de técnicas;*

*e) de uso de mídia: do livro para o multi-mídia; e*

*f) de padrão gerencial: do ad hoc e intuitivo para o científico e sistemático.*

De maneira geral, tais perfis pressupõem a formação de profissionais de informação capazes de: 

1. monitorar informações sobre o ambiente social, cultural, político, econômico e de mercado;

exercitar visão crítica sobre os vários tipos de informação e respectivas fontes, para que possa produzir, 2. selecionar, organizar e disseminar as informações requeridas para o desempenho de distintos usuários;

3. analisar o conteúdo e dialogar com o produtor e o consumidor sobre a qualidade da informação e seu adequado tratamento;

4. dominar dois níveis de linguagem: a terminologia da fonte ou produtor, e a linguagem para comunicação com o usuário;

5. combinar competência de gerenciamento e tratamento de informações com o domínio do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação;

6. reconhecer o valor de uma informação, do ponto de vista cultural, social, econômico e político, seja para uma organização determinada, seja para a sociedade como um todo.

A regra básica de atuação dos novos profissionais é a consideração de que o benefício da informação deve ser maior que seu custo. Qualquer que seja o ambiente de trabalho, eles estarão manejando informações que nem sempre estão registradas, como, por exemplo, quem faz o que dentro da organização. Mas terão de ser capazes de localizar, organizar e disponibilizar, pelos meios próprios, no tempo certo, a informação desejada. Na verdade, sua competência está em saber o que cada um necessita, como e quando, e também o que é relevante, de acordo com as missões e objetivos da organização em que trabalhem. Sua principal missão é transformar informação em conhecimento e em ação.

Em suma, as práticas profissionais na área de Informação estão fortemente atreladas ao vertiginoso desenvolvimento científico e tecnológico. É ele que determina a necessidade de operadores, criadores, produtores, gestores que dominem as novas tecnologias e, sobretudo, compreendam seu caráter convergente. Isso porque a convergência passou a ser, além de um componente econômico e tecnológico nos processos informacionais, também um atributo e um condicionador das práticas profissionais na área.

Há, inclusive, significativos indicadores vindos do mercado e da sociedade como um todo de que podemos estar num percurso de fusão de missões e práticas profissionais. Como afirma [Marchiori](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm" \l "R6)(2002, p. 73): 

*"As tecnologias da informação e da comunicação (...) têm possibilitado a convergência dos tradicionais suportes informativos, assim como a criação de outros objetos/representações de informação, que normalmente já nascem em um ambiente virtual. Da mesma forma, tais tecnologias provocam e exigem igualmente a convergência de profissões/áreas que antes eram razoavelmente estanques, tendo em vista a possibilidade que havia em se determinar nichos de mercado e reconhecer sistemas de informação como privativos de determinada categoria profissional".*

É necessário ainda sistematizar a investigação para perceber e equacionar adequadamente os limites e possibilidades dessa convergência abrangente. Mas já é possível concluir que não se pode permanecer refém das rígidas delimitações do campo profissional que a sociedade absorveu historicamente e que têm sido a base não só das corporações de trabalhadores e profissionais liberais, mas também do planejamento de ensino das instituições de ensino superior.

No anos iniciais do século XXI a pergunta mais apropriada parece ser: todas estas missões e práticas são constitutivas de apenas uma ou duas profissões? Revisores, por exemplo, que são responsáveis pela vigilância no uso da língua, na observação das normas editoriais e da hierarquia de títulos e subtítulos, utilização de fontes etc., são também profissionais de informação? Webdesigners, que constróem sites e portais para hospedá-los em computadores de provedores de serviços de informação devem ser igualmente considerados? Webmasters, que gerenciam estes serviços, atualizando as páginas, decidindo o que deverão conter, quais e quando as modificações necessárias poderão ser feitas, estão no mesmo caso? 

**Resistências e Avanços**   
Assim como o jornalista, no campo da comunicação, o bibliotecário e o arquivista, no campo da informação, por longo tempo detiveram o monopólio das práticas e saberes vinculados à profissão. Contudo, nas últimas décadas do século XX, em ambos os casos, profundas transformações tecnológicas e de organização do trabalho passaram a pressionar fortemente por uma crescente fragmentação profissional. Do jornalista surgiram formalmente, entre outros, o relações públicas e o publicitário. O bibliotecário, mais resistente, no entanto, viu seu campo ser invadido mas não reagiu adotando a fragmentação. Pelo contrário, tentou adaptar-se às novas exigências do mundo do trabalho. Não teve pleno sucesso, porém, porque áreas de fronteira, não explicitamente protegidas pela legislação que regulamenta a profissão, foram ocupadas por não-bibliotecários. E com a informatização vertiginosa dos processos de tratamento e recuperação da informação, é ameaçado dentro mesmo do *core* dos saberes e práticas de sua profissão.

[Milanesi](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R6) (s/d, p.3) é bastante ácido quando analisa este fenômeno. Diz ele: 

*"O aumento da distância entre o mundo da informática e o da Biblioteconomia – um paradoxo difícil de entender e de se aceitar – afastou, de vez, a Biblioteconomia de seu próprio campo: a informação. Os bibliotecários do final do século XX, alarmados pela invasão de outros profissionais em seus centenários domínios, prenderam-se a uma legislação que lhes garantiria o exercício da profissão, em detrimento de outros profissionais – mesmo que fossem muito mais competentes na tarefa de gerenciar informações. Procurou-se no antigo corporativismo a garantia de preservação e crescimento da profissão. Ao invés de abrir diálogo e estabelecer parcerias com outros especialistas para a troca de experiências, o bibliotecário lançou-se à operosa tarefa de erguer muros para evitar que intrusos pisassem o seu solo sagrado, definido por ele próprio como ‘da informação’. Em outras palavras, procurou-se a competência profissional pela lei e não pelo esforço competente."*

Ele afirma também que trabalhos situados no âmbito da coleta, organização e difusão de informação passaram a ser administrados por economistas, administradores de empresas, jornalistas, historiadores etc. Além disso, bibliotecas de empresas passaram a ter outras denominações como, por exemplo, centros ou serviços de informação, e conceitos novos foram introduzidos, como os de ‘informação estratégica’ e ‘gestão do conhecimento’.*"Para esses espaços profissionais nem mesmo se procurou o bibliotecário, pois a ponte entre ‘informação’ e ‘biblioteca’ raramente era feita. Então, se por um lado havia uma legislação que procurava proteger os graduados, por outro existiam os fatos reais que separavam o bibliotecário da informação"* ([Milanesi](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm" \l "R6), s/d, p.12).

Milanesi insiste em que: *"A Biblioteconomia, teimosamente, ficou indivisível, peça única e polivalente: o bacharelando poderia tomar qualquer rumo depois de formado, pois tendo habilitação estaria hábil para exercer as suas funções. Se isso teve sentido em outros tempos, porque os acervos e o público eram mais homogêneos, no século XXI não é mais viável"* ([Milanesi](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm" \l "R6), s/d, p.17).

[Barreto](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R1) (1999: p. 3) realça o papel dos fenômenos da interatividade e da interconectividade na revisão dos papéis dos profissionais de informação. Segundo ele, *"A interatividade modifica a relação do usuário com o tempo da informação. Reposiciona em nova perspectiva os acervos de informação, como memórias auxiliares de plantão, o acesso à informação e à sua distribuição. Modifica as práticas com a informação ao liberar o receptor dos diversos intermediários executores das funções em linha, ou em tempo linear, permitindo o acesso em tempo real, multidirecionado e com linguagens interativas. A interconectividade permite ao usuário da informação deslocar-se, no momento em que desejar fazê-lo, de um para outro espaço de informação. De um estoque de informação para um outro estoque de informação. O usuário passa a ser o mediador na escolha de documentos, o gerente de suas necessidades de informação. É agora o juiz da relevância e da prioridade dos itens de informação e dos estoques que os hospedam, como se estivesse colocado virtualmente no interior do sistema de armazenamento e recuperação da informação"*.

O exercício profissional, portanto, mudou. Os profissionais da informação, sejam eles bibliotecário, arquivista, ou de qualquer outra formação, tendem, hoje, a ser orientadores e guias de pessoas digitalmente alfabetizadas, que necessitam conhecer caminhos de busca de informação. O que, na verdade, se constitui numa ação de repasse aos usuários de atividades que eram tradicionalmente do exclusivo domínio de bibliotecários e arquivistas. Os usuários a cada dia tornam-se mais conscientes disso e procuram explorar a nova situação em seu próprio benefício: por que procurar aqueles profissionais se podem, eles próprios, conseguir o que querem? O catálogo *on-line* é uma realidade presente na maioria das bibliotecas, em todo o mundo e pode ser consultado, sobretudo nas universidades e nas bibliotecas públicas, diretamente pelo usuário, sem qualquer auxílio do bibliotecário.

É ainda [Milanesi](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm" \l "R6) (s/d, p. 7) quem afirma que: 

*"O uso regular da informática, aliado à familiaridade com o tema, permitiu uma autonomia para o pesquisador que antes não era possível. Disso resultou o self service informacional: quem precisa, pega sem esperar que seja servido. Não existem certezas sobre o perfil desse novos organizadores de bancos de dados na Internet como instrumento poderoso de acesso rápido ao que se deseja, mas, ao que tudo indica, são os próprios especialistas, com os conhecimentos necessários de informática, ou aliados a especialistas em banco de dados."*

Na Internet, diz ele, sobretudo quando o produto está direcionado para especialistas, o intermediário é desnecessário. Se antes cabia ao bibliotecário realizar tarefas para facilitar aos pesquisadores a obtenção de informações para suas pesquisas, hoje o especialista é cada dia mais auto-suficiente. Em consequência, *"Aquela que parecia uma área propícia aos bibliotecários ‘especializados’, como se dizia, tornou-se pouco fértil porque houve uma fusão entre o conhecimento e sua busca. Quanto mais se aprofunda um assunto, mais controlável ele se torna"* ([Milanesi](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm" \l "R6), s/d, p. 15 e 20).

À mesma conclusão chegaram [Silva e Abreu](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R12) (1997, p. 3), para quem colocar o conhecimento na máquina, criar mecanismos de recuperação e de disseminação, são processos que exigem a cada dia maior competência: "(...) *e o que vem se observando é que todas as profissões estão procurando se capacitar para lidar com a informação. A autonomia do usuário é cada vez mais perseguida, já que as tecnologias propiciam facilidades para a comunicação e para a recuperação da informação*".

Tudo isso faz da biblioteca não mais um local de informação, mas um conceito. Isto é, devido ao uso da informática e à disseminação de computadores de uso pessoal, a percepção da biblioteca como um prédio começou a diluir-se no conceito de provisão de informações, aplicável a diversas outras entidades físicas e virtuais. O tradicional movimento de fotocópias de artigos de revistas científicas, através de acordos entre bibliotecas, por exemplo, começou a ser rapidamente substituído pela editoração eletrônica das mais novas e pela digitalização das mais antigas revistas. Dessa forma, o usuário passou a acessar diretamente o site do provedor daquele tipo de informação e conseguir, via pagamento on-line, o texto que lhe é útil. E mais: com cada dia maior freqüência, o provedor não é mais uma biblioteca e sim o próprio editor da revista. E, a rigor, nada disso pode ser considerado social, científica e culturalmente indesejável, sob qualquer ponto de vista.

Assim, muitas das competências que serviam para definir a identidade profissional do bibliotecário estão, por força do desenvolvimento tecnológico, se tornando de comum domínio por aqueles que eram anteriormente definidos como usuários dependentes desse profissional. Por outro lado, bibliotecários passaram a tratar mais da gestão de sistemas institucionais do que do provimento direto de informação ao usuário. Isso porque ou esta competência pode ser plenamente dominada por auxiliares ou o próprio usuário o faz, sem necessidade de auxílio.

Tal configuração parece remeter o bibliotecário a atividades de planejamento, produção e tratamento de informação, deixando ao pessoal auxiliar outras tarefas que outrora faziam parte de seu perfil. O que, rigorosamente, significa um triunfal retorno à essência da profissão, tal como nasceu e se desenvolveu: cuidar da informação em si mesma, das formas e dos meios sociais, culturais, econômicos, científicos e tecnológicos pelos quais ela deve se tornar disponível para o usuário, ao invés de dedicar-se às estantes, ao atendimento direto do público e aos serviços de manutenção da biblioteca.

O arquivista, por seu turno, foi ainda mais atingido do que o bibliotecário, pelo desenvolvimento científico e tecnológico do campo da informação. Sua área de atuação, a permanente preservação de documentos, obedecidos os parâmetros e legislações sobre descarte e acesso, tem passado por mudanças contínuas trazidas pela informática. Isso, mesmo se levando em conta que numerosos documentos gerados em épocas passadas não foram ainda ou não podem ser convertidos para o formato digital. O desafio, na verdade, está no fato de que o computador ocupou um espaço crucial no processo documental: ele é, ao mesmo tempo, o gerador e o depositário de enormes quantidades de arquivos eletrônicos ou virtuais, que eram anteriormente gerados em papel.

[Souza e Medleg](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R12) (2003, p. 11) esclarecem que "*(...) a base fundamental, sobre a qual está assentada a Arquivologia e o papel de seu profissional, continua com o mesmo núcleo central: fornecer a informação orgânica e registrada ao seu usuário gerador (na fase corrente e intermediária) e torná-la acessível ao usuário pesquisador (na fase permanente ou histórica), além da manutenção da integridade e segurança dessa informação com os menores custos possíveis. A tendência que parece se configurar para o futuro, segundo a literatura pesquisada, é a de um profissional que tenha competência para organizar cientificamente e tornar acessível um conjunto dinâmico de informações registradas em suportes diversos – sejam eles os suportes tradicionais (papel e microfilme) ou os suportes surgidos com a informática (CD-ROM, disquete, DVD etc.) – tenha capacidade de lidar com o usuário final e seja capaz de elaborar projetos e calcular os custos dos serviços arquivísticos e trabalhar em equipe junto com outros especialistas*".

Nesse contexto, preservar a informação gerada, o documento, o arquivo, significa, em grande número de casos, preservar também a tecnologia geradora ou programar migrações periódicas para novos formatos e tecnologias. Só assim, pela manutenção da possibilidade de recuperação da informação, se pode atribuir sentido à atividade de preservação. Isto significa uma extraordinária mudança no perfil e, consequentemente, na formação do arquivista: além de competente nas tradicionais atividades constitutivas da profissão, ele deve agora ter familiaridade e manter-se atualizado sobre as tecnologias de informação, tanto no que se refere aos *softwares* quanto aos *hardwares*. Hábil para classificar os documentos e hierarquizá-los, em termos de efemeridade, valor e significado, ele precisa ser também competente para perpetuá-los, garantindo, ao mesmo tempo, sua permanente recuperação. 

**Conclusão**   
Em suma, como afirma [Teixeira Filho](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R12) (1998: p. 2): 

*"(...) precisamos antes de mais nada nos libertar de certas restrições artificiais, herdadas ao longo do tempo, em relação aos papéis e responsabilidades numa organização. A divisão de atribuições no trabalho é, em certa medida, arbitrária e socialmente construída. Ela não preexiste aos objetivos da empresa mas é criada justamente para viabilizar aqueles objetivos. Assim sendo, a cartografia dos cargos e departamentos numa empresa é tão arbitrária quanto as fronteiras entre países. E assim como no caso das fronteiras, é motivo de muitos conflitos, mitificações e mal-entendidos. (...) Tendo isto em mente, quem é o profissional da informação hoje e no futuro? Pode ser o analista de negócios (...); o administrador de banco de dados e data warehouse (...); o webmaster do site Internet da empresa (...); o administrador da intranet (...); o responsável pelo acervo de documentação da empresa (...); o profissional de marketing (...); o profissional de RH.*

A par das inovações tecnológicas, ocorreram também transformações profundas de outra natureza. Na verdade, como afirmam [Silva e Abreu](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm#R12), *"As mudanças já instaladas impõem mudanças conceituais, de mentalidade, de comportamento. Reclamam organizações e profissionais pró-ativos. Portanto é fundamental que a atenção se amplie do "acervo" para o "acesso", impondo-se uma ampliação de habilidades que vão muito além do registro e da guarda de documentos. A evolução se faz necessária e vem se prenunciando há tempos"*.

Novos ativos passaram a ser importantes na vida das empresas, entre eles o conhecimento, a habilidade para aprender coletivamente, as informações essenciais para o processo de decisão, o talento dos funcionários de todos os níveis, a rede de contatos e interlocutores, nos negócios e na sociedade. Os profissionais da informação são, inequivocamente, parte disso, inclusive porque o incontrolável aumento de informações disponíveis na Internet, particularmente devido à necessidade de seleção e de controle de qualidade, torna impensável a inexistência de intermediários no provimento de informação. Como, aliás, sempre houve.

O problema novo está nas competências desses profissionais e no deslocamento de boa parte de sua inserção no processo diretamente para o usuário. Isto é, hoje, para este último, embora em muitos momentos ainda necessite de profissionais que intermediem seu acesso à informação, é muito mais importante dispor de plena possibilidade de uso de ferramentas de busca, num ambiente que tenha alto nível de organização e disseminação da informação..

Há, em tudo isso, um paradoxo de alta relevância: ao mesmo tempo em que as tecnologias estimulam a autonomia do usuário, cresce a necessidade de intermediação, porque ele não tem tempo de se familiarizar com os labirintos que a tecnologia cria e as infinitas possibilidades que ela oferece. Esse paradoxo termina por atribuir aos profissionais de informação um papel de "filtro" importantíssimo. O seu relacionamento com os usuários pode ser ainda muito mais estreito, porque os alcançam, por meio das tecnologias, no local de trabalho, em casa, ou em qualquer outro lugar do mundo em que estejam. A intermediação, portanto, se dá num outro nível, mais sofisticado e proativo, no qual os profissionais podem criar serviços de valor agregado e, com eles, prover as necessidades do usuário de maneira plena.

Por fim, cabe reafirmar que a adoção de computadores, como uma quase universal ferramenta de guardar e recuperar informação, tornou difícil e talvez fútil tentar colocar uma cerca em torno de qualquer domínio profissional. Independentemente de qualquer resistência corporativa, gestores de toda natureza necessitam de informação para decidir sobre tudo, e são servidos por profissionais cada dia mais especializados. Para esses gestores e para a sociedade como um todo o importante é que os intermediários desempenhem adequadamente o papel de profissionais de informação, importando muito mais suas habilidades, competências e conhecimentos do que o título de seus diplomas ou a corporação profissional de que façam parte.   
  

**Referências Bibliográficas**

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Bibliotecário - profissional da informação (re)desenhando o perfil a partir da realidade brasileira: proposta para os países do mercosul. In: **Tercer Encuentro de Directores y Segundo de Docentes de das Escuelas de Bibliotecología del Mercosur**, 1998. Santiago: Universidad Tecnologica Metropolitana, 1998. Disponível em: <<http://www.utem.cl/deptogestinfo/20.doc>>. Acesso em: 10 abril 2004.

BARRETO, Aldo. Os destinos da Ciência da Informação: entre o cristal e a chama. **DataGramaZero-Revista de Ciência da Informação**, n.zero, dez 1999.

BERTO, R.M.V. de Souza; PLONSKI, G. A. Gestão do Conhecimento - as novas competências dos profissionais da informação. In: Workshop Brasileiro de Inteligência Competitiva e Gestão do Conhecimento, 1, 1999, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: FINEP, 1999. 1 CD-Rom.

BRITO, José Augusto Pereira. Uma reflexão sobre a revolução da informação e da comunicação. In: **DE LIBERAL**, Márcia Mello Costa (org.). Um olhar sobre ética e cidadania. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002, v.1. p.115-139.

FERREIRA, D.Thiago. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ciência da Informação**, v. 32, n.1, p.42-49, jan/abr., 2003.   
  
KEANE, John. **The media and democracy**. London: Polity Press, 1991.

MARCHIORI, Patricia Zeni. Que profissional queremos formar para o século XXI. **Inf.&Inf**, Londrina, v.1, n.1, p.27-34,1996.

MARCHIORI, Patricia Zeni. Profissionais da Sociedade de Informação: o *Information Broker*. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 80, n.194, p. 164-173, jan/abr., 1999.

MARCHIORI, Patricia Zeni. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 72-79, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n2/12910.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2004.

MENOU, Michel. Cultura, informação e educação de profissionais de informação nos países em desenvolvimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n.3, 1996.

MILANESI, Luís. **A formação do informador**, s.d.. Disponível em: <<http://www.bax.com.br/Bax/Artigos/formacaoDoInformador.htm>>. Acesso em: 08 maio de 2004.   
  
NEELAMEGHAN, A. **Guidelines for formulating policy on education, training and development of library and information personel**. Paris: Unesco, 1978.

SILVA, Helena P. da; Abreu, Aline F. Considerações Sobre o Bibliotecário Frente

às Tecnologias de Informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v.4, n.4, p. 98-109, 1997.

SOUSA, Marcos A. L. de; MEDLEG, Georgete. O arquivista como cientista da informação: formação e perspectivas profissionais In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação,5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, 2003.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. Profissionais da informação. **Insight Informal,**n.12, 1998. Disponível em: <<http://www.informal.com.br/insight/insight12.html>>. Acesso em: 8 de maio 2004.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. **Qual é o futuro dos profissionais da informação?**1999. Disponível em: <<http://www.informal.com.br/artigos/a20091999001.htm>> Acesso em: 8 de maio 2004.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 9, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_9/bibli9.html>> Acesso em: 08 de maio 2004.   
  

**Sobre os autores / About the Authors:**

Othon Jambeiro   
[othon@ufba.br](mailto:othon@ufba.br)   
PhD in Communication Studies (University of Westminster, U.K), Mestre em Ciências Sociais (USP), Professor Titular do Instituto de Ciência da Informação, UFBA. Pesquisador 1-C do CNPq.   
  
Helena Pereira da Silva   
[helenaps@ufba.br](mailto:helenaps@ufba.br)   
Doutora em Engenharia de Produção (UFSC), Mestre em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ), Professor Adjunto do Instituto de Ciência da Informação, UFBA.   
  